

## LOVE IS STRANGE - O AMOR É UMA COISA ESTRANHA de Ira Sachs

15 de Setembro de 2016

**sinopse** Depois de quase quatro décadas de vida em comum e entusiasmados com a aprovação do casamento de pessoas do mesmo sexo, Ben e George decidem oficializar a sua relação. A celebração é especial e eles sentem-se particularmente felizes por poderem, finalmente, viver aquele momento de partilha com os seus amigos e familiares. Porém, quando menos esperam, Ben é despedido do seu emprego como professor de coro num colégio católico. A razão é simples: as autoridades eclesiásticas não aprovam o casamento entre homossexuais. Sem economias, e cientes de que os trabalhos artísticos de George não lhes podem garantir o sustento, vêem-se obrigados a deixar o espaçoso apartamento que sempre partilharam em Nova Iorque (EUA). Até encontrarem um lugar que possam pagar, têm de recorrer à generosidade dos que lhes são mais próximos. Ben hospeda-se em casa de um sobrinho, com a sua mulher e filho adolescente, enquanto George fica em casa de amigos. Mas a nova vida em lares temporários torna-se bastante mais desgastante do que poderiam imaginar...

**Estreado, em 2014, no Festival de Cinema de Sundance (EUA), um drama multigeracional sobre amor e relações humanas, que conta com a realização de Ira Sachs ("Forty Shades of Blue", "Casamentos e Infidelidades", "Deixa as Luzes Acesas"), segundo um argumento seu e de Mauricio Zacharias. John Lithgow, Alfred Molina, Marisa Tomei, Tatyana Zbirovskaia, Charlie Tahan, Cheyenne Jackson, Manny Perez e Charlie Tahan dão vida às personagens.**

Título original: Love Is Strange (EUA / França, 2014, 94 min)

Realização: Ira Sachs

Interpretação: John Lithgow, Alfred Molina, Marisa Tomei, Tatyana Zbirovskaia

Montagem: Affonso Gonçalves, Michael Taylor

Fotografia: Christos Voudouris

Produção: Lucas Joaquin, Lars Knudsen, Jay Van Hoy, Ira Sachs, Jayne Baron Sherman

Argumento: Ira Sachs, Mauricio Zacharias

Distribuição: Midas Filmes

Estreia: 25 de Maio de 2016

Classificação: M/12



### Um casal no crepúsculo

*Luís Miguel Oliveira, Público de 25 de Maio de 2016*

O segredo de **O Amor é uma Coisa Estranha** é simples: mostra seres humanos em que podemos acreditar.

O centro de **Love is Strange** é bem definido, desde a sequência inicial em que vemos dois homens (John Lithgow e Alfred Molina, actores em estado de graça) a acordar na mesma cama: um casal gay, de uma certa idade, e uma espécie de último *hurrah* pela relação (o matrimónio finalmente permitido pela lei depois de 39 anos de vida em comum) antes de as sombras do

crepúsculo se virem instalar, como de facto se instalarão. Mas a astúcia maior da construção de **Love is Strange** está na maneira como, sem nunca perder esse centro de vista, o lança no mundo, numa rede de personagens a que a câmara de Ira Sachs presta a mesma atenção, e numa nuvem de temas que está sempre a abrir o filme, a fazê-lo passar para outra coisa, como de resto os planos finais concretizarão – porque nessas imagens é, efectivamente, de uma “passagem” que se trata, de uma regeneração, de uma mudança de ponto de vista que equivale, se não a uma nova partida, a uma aceitação pacificada do fluxo da vida e dessa “coisa estranha” (mais do que só o “amor” do título) que é esta permanente coexistência de “fins” e de “princípios”.

A estrutura do filme funde-se, portanto, no trajecto do seu par protagonista. Casam-se no princípio do filme – os planos em que Lithgow e Molina, elegantes e meio trôpegos, avançam pelas ruas de Manhattan como um *odd couple* com o seu quê de burlesco, são o primeiro sinal de que há algo de especial no filme e no olhar de Ira Sachs – mas o que pensavam ser um corolário feliz para a sua longa relação revela-se um passaporte para o pequeno desastre. A personagem de Molina, um professor de música num colégio católico, é despedida, porque a direcção pode tolerar um professor homossexual mas não pode tolerar um professor casado com outro homem. Perdida essa fonte de rendimento, os dois homens deixam de poder sustentar a casa em que vivem e têm que a abandonar (as cenas com os bancos e as agências de imobiliário indiciam outro tema subjacente: a Manhattan caríssima da actualidade). Enquanto a situação não se resolve ficam a viver, separados, em casa de vizinhos e de familiares.

E a partir daqui, o filme passa também a ser sobre outras pessoas: sobretudo (e mais do que o caos “sempre em festa” dos vizinhos que acolhem Molina) a família do sobrinho de Lithgow, onde pontifica a sempre extraordinária Marisa Tomei e o seu filho adolescente, que está a viver uma potencial crise de crescimento e talvez mesmo (o que é dado com enorme subtilidade e sem afirmação nenhuma) uma crise na definição da sua identidade sexual. Este retrato de estranheza (a coexistência com o tio e os seus modos um pouco insólitos) e intimidade (o que se passa naquela família, os não ditos, a ansiedade angustiada que transpira de todos os gestos e suspiros de Tomei) acaba por conquistar um espaço dentro do filme, de certa forma redefini-lo lentamente, reorientá-lo, passar do crepúsculo e dos “velhos” para os “novos” – é com o miúdo adolescente a patinar de *skate* no por do sol de Manhattan, ao som do muito Chopin que se ouve no filme, que **Love is Strange** se conclui, como se o seu ponto de vista fosse afinal o de uma espécie de testemunha, como se num filme sobre o fim (dado aliás numa elipse brilhante que também é uma maneira de recusar o dramatismo e ficar com o “fluxo”, com a aceitação) se escolhesse o que fica e o que continua, os que ficam e os que continuam.

Os actores, todos certíssimos nas mais pequenas nuances e nos mais pequenos gestos, são a força maior de **Love is Strange**, mas seria injusto resumir Ira Sachs a um “director de actores”. Há uma graça quase “impressionista” em certos planos de “intervalo” sobre aspectos de paisagem de Nova Iorque, como uma rima para as cenas em que Lithgow, a lembrar um Matisse que tivesse preferido Manhattan à Polinésia, vai para o terraço pintar. Há um sentido da presença física das personagens e da cidade, ou das personagens na cidade, como nos dois belos e longos planos (os últimos com a personagem de Lithgow), em que de ângulo muito aberto os vemos a caminhar pelas ruas de Greenwich Village (depois de, em modo semi-gag, já ter sido evocada a importância da Village na luta pelos direitos “gay”). É um filme perfeitamente dominado, que acerta em tudo o que tenta tocar, e vive numa justeza imaculada do princípio ao fim. Em tempos em que a bonecada é rainha do grande espectáculo, e em que o cinema indie vive de fórmulas e golpes para encher o olho, **Love is Strange** vê-se como uma lufada de ar fresco e o seu segredo é simples: mostra seres humanos em que podemos acreditar.

## Em Nova Iorque, com os velhotes de Ira Sachs \_ Entrevista

Jorge Mourinha, Público de 25 de Maio de 2016

Dois anos depois da sua estreia internacional, ***Love Is Strange – O Amor é uma Coisa Estranha*** chega finalmente às salas portuguesas. Um melodrama moderno à sombra de Ozu, McCarey e Renoir, como explica Ira Sachs, realizador que sabe que o mercado não é seu amigo.

Invoquemos, em primeiro lugar, o sagrado nome de Yasujiro Ozu e das suas discretas miniaturas sobre os pequenos nada quotidianos que fazem uma vida. Invoquemos, em segundo lugar, um melodrama de Leo McCarey realizado em 1937 desde o interior do *studio-system* americano, ***Make Way for Tomorrow***, que nunca se estreou em Portugal mas que se tornou objecto de culto ao longo das décadas – Orson Welles definiu-o como “capaz de fazer chorar as pedrinhas da calçada”.

É nessa linhagem que se deve inserir o filme do americano Ira Sachs que esta semana chega (finalmente!) às salas portuguesas: ***Love Is Strange – O Amor é uma Coisa Estranha***, onde um casal idoso se vê forçado a abandonar a casa onde construiu uma vida em conjunto durante 40 anos, e a separar-se para cada um ir viver com amigos e familiares enquanto não encontram uma solução.

Por Skype, a partir do seu escritório de Nova Iorque, Ira Sachs, 50 anos, realizador e argumentista, admite-se “culpado” relativamente ao uso dessas duas referências. ***Love Is Strange***, diz, “podia bem chamar-se ***Make Way for Tomorrow***” (literalmente, ‘Abre Caminho ao Amanhã’). É um filme com uma história muito tocante e primitiva [sobre um casal idoso que se vê forçado a separar-se, indo cada um viver com um dos filhos], e muitas vezes o que encontro noutros filmes é precisamente a narrativa em que pego e que transformo.”

E Ozu, cuja ***Viagem a Tóquio*** é também uma possível citação? “Quando comecei a trabalhar no guião tive a sorte de estar a decorrer uma retrospectiva Ozu em Nova Iorque”, diz Sachs. “Vi dez ou 12 filmes ao longo de dois-três meses, e foi uma experiência muito marcante. Transformou verdadeiramente a minha visão dele, e a minha visão como cineasta. De certo modo, Ozu



autorizou-me – como Tchékhov fizera antes – a concentrar-me no quotidiano, a defini-lo como um lugar dentro do qual se podem revelar as verdades profundas. O tipo de cinema que faço baseia-se num certo tipo de realismo; preciso de fazer aquilo que Jean Renoir dizia, 'abrir a janela e deixar o mundo entrar'."

Renoir, Ozu, Tchékhov, McCarey – um mestre francês, outro japonês, um consagrado dramaturgo e escritor russo e um dos clássicos dos anos de ouro de Hollywood. É o tipo de referências que colocam automaticamente Ira Sachs num certo tipo de linhagem cinematográfica. Que não seria forçosamente o que se espera de um cineasta que tem feito carreira no circuito independente e apenas chamou verdadeiramente a atenção à segunda longa, **Forty Shades of Blue** (2005), psicodrama radical que nunca chegou às salas portuguesas. (Das seis longas que já dirigiu, **Love Is Strange** é apenas a segunda a estrear cá, após **Casamentos e Infidelidades**, de 2007, embora **Little Men**, o filme que realizou depois de **Love Is Strange**, já tenha distribuição garantida).

Em 30 minutos de conversa, contudo, Sachs puxa outros nomes – Jane Austen, Patricia Highsmith, Sydney Pollack (o "cavalheiro" que produziu **Forty Shades of Blue**), Jean Eustache... "Estou mais alinhado com o cinema dramático europeu, porque Hollywood sempre teve mais tendência a ser conduzida pelo movimento narrativo e pela emoção melodramática. Eustache é uma grande influência para mim, tal como o cinema francês no geral, quer seja Tavernier ou Pialat. Acredito na trama narrativa, acredito na estrutura. Não quero reinventar a forma, e como alguém que leu muito e viu muitos filmes, as minhas estruturas seguem estéticas muito clássicas. Mas não trabalho dentro de um género, e isso complica as coisas..."

**Love Is Strange** é de algum modo um "exemplo" dessa complicação. Rodado em 2013 praticamente sem dinheiro, estreado fora de concurso em Sundance 2014, o filme fez o circuito de festivais e foi lançado nos EUA pela Sony Classics no Verão de 2014 com uma resposta invejável da crítica e John Lithgow a merecer algumas das melhores críticas da sua carreira. Mas **Love Is Strange** não conseguiu encontrar o seu público, caiu naquele estranho limbo do "drama adulto moderno", e só agora, mais de dois anos depois de ficar pronto, tem estreia em Portugal (noutros países nem sequer chegou à sala, saindo directamente em DVD).

Apesar do atraso, este é – um pouco à imagem das suas referências – um daqueles filmes que não parecem ser afectados pela passagem do tempo, lançamos ao seu realizador. "Não acredito que os meus filmes existam fora do tempo", defende contudo Sachs. "São feitos num momento específico, e, tal como os romances a que reajo – e penso no Henry James, na Edith Wharton ou em Proust –, é um documento do seu tempo, do seu ambiente, do seu mundo. O que faz qualquer coisa durar é o que se lê nas entrelinhas, uma certa profundidade que vai permitir-lhe ressoar tanto no seu momento como fora dele. Mas estou sempre a tentar estar atento ao momento, ter consciência dele, ser observador. As pessoas não podem ser separadas do seu ambiente, faz parte da paisagem do filme."

### Enterrar a estética

A paisagem, então, de **Love Is Strange** é a Nova Iorque de 2013, onde um casal idoso deixa de ter condições financeiras para viver na cidade. George (Alfred Molina) perdeu o emprego de professor de música numa escola católica onde ensinava há anos, pois a diocese não reconhece o casamento homossexual e acabou de formalizar a sua relação de 40 anos com Ben (John Lithgow), e logo a manutenção do apartamento onde moram em Manhattan se torna incomportável. Enquanto não surge um novo apartamento, Ben vai viver para Brooklyn com familiares e George, que tem alunos privados, fica a dormir no sofá de um casal amigo.

É o tipo de história normal a que (excluindo a dimensão homossexual do casamento) Ozu chamaria um figo, e Sachs segue nas suas pisadas ao descentrar o filme em direcção àqueles que rodeiam Ben e George – sobretudo Elliot, o sobrinho com quem Ben vai morar, e a sua relação disfuncional com a mulher e o filho adolescente. "Este também é um filme sobre crescer",



diz Sachs, “e Ozu explorava muito essa questão das relações entre gerações. É algo que me fascina porque, aos 50 anos, sinto-me 'entre' gerações. De certo modo, estou mais próximo da personagem de Marisa Tomei [que interpreta a esposa do sobrinho de Ben], tanto em idade como no reconhecimento da distância que se cria entre os mais velhos e os mais jovens. O filme tem pontos de entrada para todas essas gerações.”

No entanto, Sachs não duvida de que o facto de ***Love Is Strange*** falar da velhice, da velhice nos nossos dias, e de ter um casal homossexual, “fechou portas” ao filme. “Mesmo dentro do cinema de autor, há assuntos que não convém escolher como temas. Não se fazem filmes sobre homens de 75 anos, não se fazem filmes explicitamente gay, não se fazem filmes sobre mulheres russas a morar em Memphis ou sobre imigrantes meio negros, meio vietnamitas... As mercadorias que interessam internacionalmente são os homens heterossexuais brancos trintões. O mercado não é nosso amigo, porque as nossas escolhas são marginalizadas.”

Sachs evoca o seu “camarada” mais próximo, Oren Moverman (realizador de ***O Mensageiro*** e ***Viver à Margem*** e argumentista de ***I'm Not There***, de Todd Haynes), com quem co-escreveu ***Casamentos e Infidelidades***, como um amigo próximo que tem lutas semelhantes para conseguir fazer filmes que, no papel, teriam na verdade sido muito facilmente abraçados por Hollywood noutros anos. “Se falo tanto do mercado”, explica Sachs, “é porque é o verdadeiro tema dos meus filmes.” Como diz? “O mercado, o capitalismo são o verdadeiro tema do meu cinema; o espaço que os indivíduos vão conseguindo ganhar dentro das restrições da sociedade e da violência social. Isso não limita os filmes, é parte do material que uso para descrever momentos íntimos, dramáticos.”

Tudo isto, contudo, dentro de uma abordagem que privilegia as personagens e as suas relações. “Uma das razões pelas quais não sou reconhecido como um 'autor' é que os meus filmes procuram... enterrar o lado estético por trás da história. A estética não tem muito a ver comigo, há um tipo de ousadia no cinema de autor, 'olha aquele movimento de câmara, aquela opção formal'... Os meus filmes não, não se anunciam à distância como arte. Jane Austen diz que o amor e o dinheiro são modos de revelar as personagens; a mim o que mais me interessa é o inefável que acontece entre os seres humanos. Mas esse inefável nunca acontece isolado de um contexto de vida, de ordem social. Toda a gente tem as suas razões, como diz o Renoir na ***Regra do Jogo***.”

